

POLÍTICA

ACM recua nos ataques ao BC

por Eliane Cantanhêde e
César Felício
de Brasília

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) subiu ontem à tribuna do Senado para fazer um discurso em que elogia o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o Banco Central pelo desfecho das negociações para a aquisição do Banco Econômico pelo Excel. No discurso, o senador baiano tentou desmentir trechos de sua entrevista publicada ontem por este jornal e pelo O Estado de S. Paulo.

"Quero repor a verdade neste pronunciamento para que todos saibam do respeito que tenho à figura do ministro Pedro Malan, ao final desse episódio, que foi tão bom para o País e que diminuiu, não sarou, mas diminuiu, o sofrimento da Bahia e dos baianos pe-

lo erro do Banco Central", disse o senador. "Agora, entretanto, o Banco Central escolheu a melhor proposta e está se reabilitando perante a opinião pública do meu estado e perante o sistema financeiro nacional".

Apesar de a reportagem deste jornal não dizer nada em contrário, ACM se sentiu na obrigação de frisar que "Malan é um homem público da maior decência, da maior seriedade e da maior competência e que tem sido, inclusive, nesta Casa defendido por mim". Num aparte ao senador Jader Barbalho (PMDB-PA), ACM negou que tenha dito que o ministro da Fazenda havia procurado interceder pelo Banco Bozano, Simonsen durante as negociações pela compra do Econômico e, ainda, que tivesse tido conhecimento de encontros de Malan com



Antônio Carlos Magalhães

diretores desse banco em Washington.

O senador, entretanto, contou durante o jantar que Malan preferia as negociações com o Bozano, Simonsen porque era amigo de um dos diretores. Citou, inclusive, o nome de Paulo Ferraz. Quanto ao encontro em Washington, ocorreu o seguinte diálogo: "O minis-

tro e o Paulo Ferraz tiveram um encontro em Washington e o senhor, na época, ficou sabendo, não é?", indagou a editora deste jornal. "Pois é", concordou.

ACM também contestou que tenha tido a intenção de pedir a quebra do sigilo bancário do presidente do BC, Gustavo Loyola, ao solicitar deste o número de identidade e do CIC. "Em relação ao senhor Loyola, o que disse é que dei a procuração para quebrar o meu sigilo bancário e ele aceitou-a, porque, se lhe pedi o número de seu CPF e de sua identidade para que constasse da procuração e ele me forneceu, sabendo o objetivo, é porque aceitava a procuração". Segundo ele, a decisão de Loyola de quebrar ou não seu próprio sigilo "é uma questão de consciência".

Para o senador, a publi-

cação da entrevista foi "antiética", porque se tratava de um jantar em que se discutiram "abertamente, problemas políticos e administrativos que, talvez, não pudessem ser levados, assim, a público e sem nenhuma censura - a censura era a ética de cada um".

N. da R. - A entrevista do senador Antônio Carlos Magalhães foi durante um jantar na terça-feira, ao qual, praticamente, só compareceram jornalistas. Apesar disso, ele não pediu reserva da conversa, a não ser em dois trechos que não tinham relação com o Banco Econômico e que, de fato, não foram incluídos na reportagem deste jornal. A ética do jornalista é publicar as notícias que obtém honestamente, respeitando a reserva somente quando lhe é pedida.